

HORIZONTES HISTÓRICOS

Revistas discentes de História: espaço de divulgação e formação acadêmica

Carlos de Oliveira Malaquias
Coordenador Adjunto do Programa de
Pós-Graduação em História/PROHIS-UFS

Os primeiros periódicos científicos dedicados a tornar públicos os resultados de pesquisas e comunicar novas descobertas datam do século XVII. O francês *Journal des Savants* e o inglês *Philosophical Transactions* iniciaram suas atividades no mesmo ano, 1665, e são considerados as publicações mais antigas do gênero. Eles definiram um modelo de comunicação científica marcado pela publicidade, pelo estabelecimento de padrões racionais de avaliação das contribuições e pela crítica dos pares, inovações que representaram um avanço em relação às formas anteriores de difusão das descobertas, até então baseadas na troca de cartas entre investigadores e nas atas ou memórias das reuniões científicas.

De caráter eminentemente privado e pessoal, a correspondência comunicava os achados e resultados de experiências de um pesquisador a uma limitada rede de colegas. Embora as cartas circulassem para além dos seus receptores, e eventualmente fossem discutidas publicamente, o convencional era que ficassem restritas a pequenos círculos de apoiadores de reduzido impulso crítico. Já as atas ou memórias das agremiações científicas registravam seus debates e comunicações e, embora fossem úteis como preciosas referências para seus participantes, ficavam restritas aos membros das academias e associações de saber que promoviam as reuniões.¹

O periódico científico avançou em relação a essas formas de transmissão acompanhando uma nova concepção de saber tipicamente iluminista que vinculava o conhecimento ao progresso humano. Daí o seu caráter público, levando os avanços da ciência ao maior número de pessoas. Mas a divulgação científica em periódicos também respondeu a necessidades pragmáticas relacionadas à prioridade das descobertas e ao custo de sua

¹ Toda a discussão sobre a origem dos periódicos e sua evolução é baseada em Stumpf (1994) e Mueller (2000)

produção. Enquanto o livro era considerado a forma definitiva para o registro da ciência, o lento e caro processo de sua produção atrasava a divulgação dos achados. Com os artigos, as conclusões ou os resultados de cada experimento de uma pesquisa maior puderam ser publicados com mais agilidade.

No século XIX, o avanço científico foi acompanhado pela expansão e especialização dos periódicos, cada vez mais convalidados como meio de reconhecimento público do pesquisador pela prioridade da teoria ou da descoberta. Além disso, essas publicações ajudaram a legitimar disciplinas e campos de estudos e tiveram papel fundamental na configuração das disciplinas e áreas do saber tal como as conhecemos no presente. A partir de então, os periódicos científicos desempenham a dupla função de comunicar os avanços de uma área do conhecimento e configurar um *campo*, no sentido que o sociólogo francês Pierre Bourdieu conferiu ao termo.²

As regras e critérios de avaliação e publicação dos trabalhos estabelecem parâmetros de validade dos procedimentos de pesquisa e de comunicação dos resultados e acabam dando identidade a toda uma esfera do conhecimento. Dessa forma, a revista é um instrumento formativo, que inculca nos seus participantes as regras mínimas de produção de conhecimento em um campo. Publicar em uma revista acadêmica é um exercício que exige do pesquisador o domínio da linguagem científica, o diálogo com pesquisadores sêniores e a submissão à avaliação de pares e/ou de um Comitê Científico.

A configuração de padrões dominantes, capazes de organizar uma área do conhecimento, não deve ser encarada com a ingenuidade de que o campo científico seja neutro. Revistas bem sucedidas, apoiadas por instituições importantes e frequentadas por pesquisadores de relevo, costumam ter mais poder e prestígio no momento dessa configuração. O *campo*, afinal, é um espaço hierarquizado.

Da mesma forma, as associações mais poderosas ou que reúnem os pesquisadores mais bem reputados têm maior precedência na formatação do campo científico e das regras de sua divulgação. No Brasil, o maior financiador nacional de pesquisa e o ator mais importante para a institucionalização dessas regras é o governo federal, através da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES). O *Qualis* da CAPES foi criado como um dos instrumentos de avaliação da produção intelectual dos programas de Pós-Graduação, estratificando os veículos nos quais essa produção era publicada (BARATA, 2016). Os

² A referência fundamental é Bourdieu (2003 e 2004).

critérios de estratificação são propostos por cada área do conhecimento e, atualmente, dividem os periódicos em sete estratos: A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, mais um estrato C em que podem ser incluídas as publicações que não constituem periódicos científicos ou que não atendam aos requisitos mínimos definidos pela área. As Ciências Exatas e Aplicadas, em geral, tendem a valorizar medidas de impacto bibliométrico, como, por exemplo, o número de citações de um artigo em uma dada base de indexação. As Ciências Humanas, por sua vez, tendem a considerar aspectos formais dos periódicos. Para a área de História, os critérios exigidos para estratificação dos periódicos em cada nível foram definidos pela última vez em 2016.³ Tais critérios estabelecem que as revistas discentes podem ser classificadas, no máximo, até o estrato B3.

A publicação de periódicos científicos editados e direcionados à produção discente tem sido cada vez mais incentivada e o número dessas publicações têm aumentado.⁴ Embora existam revistas bastante longevas – como a “Em Tempo de Histórias” da Universidade de Brasília, editada desde 2002, bem como a “Cantareira”, da Federal Fluminense, fundada no mesmo ano, e a, infelizmente interrompida, História Social, da Unicamp, criada em 1994 – o avanço desse tipo de publicação ocorreu na última década, junto com a expansão dos programas de pós-graduação em História.

Para esses programas, a produção do corpo discente é relevante pois é um dos itens considerados nas avaliações da pós-graduação realizada periodicamente pela CAPES. Porém, o incentivo à criação de espaços para a publicação das pesquisas dos discentes também interessa a nós, coordenadores de pós-graduação, por ser um *locus* de discussão inicial para nossos alunos capaz de ajustá-los às regras mínimas de organização e divulgação do conhecimento. Além disso, esse espaço proporciona a experiência editorial para os membros

³ O Documento da área de História estabelece que um periódico científico deve contar, obrigatoriamente, com: a) ISSN; b) Editor responsável; c) Conselho editorial; d) Conselho consultivo; e) Linha editorial; f) Normas de submissão; g) Sistema de avaliação por pares; h) Publicação de pelo menos 14 artigos por volume (anual); i) Afiliação institucional dos autores; j) Afiliação institucional dos membros dos conselhos; k) Resumo dos artigos ao menos em português e inglês; l) Palavras-chave ao menos em português e inglês; m) Data de recebimento e aceitação de cada artigo; n) Publicação de pelo menos metade dos números planejados para o ano anterior ao da avaliação; o) Periodicidade regular. (FICO et ali 2016)

⁴ Uma busca não exaustiva na internet retorna quase duas dezenas de periódicos discentes em atividade. A título de exemplo, podem-se considerar as seguintes revistas vinculadas à programas de Pós-Graduação ou cursos de História das instituições indicadas: Aedos (UFRGS); Ars Historica (UFRJ); Aurora (UFF); Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s) (UECE); Cantareira (UFF); Em Tempo de Histórias (UNB); Escola dos Rurais (UFRRJ); Espacialidades (UFRN); Faces de Clío (UFJF); História e Cultura (UNESP-Franca); História em Reflexão (UFGD); História.com (UFRB); Hydra (UNIFESP); Manduarisawa (UFAM); Oficina do Historiador (PUC-RS); Outras Fronteiras (UFMT); Temporalidades (UFMG); Trilhas da História (UFMS).

do comitê gestor da revista, agregando mais pessoas à difícil tarefa de coordenar uma publicação científica.

Em nossa compreensão, uma revista acadêmica discente deve ser rigorosa como a metodologia acadêmica exige e, portanto, capaz de contribuir para a formação de seus participantes, sejam eles os autores que submetem seus textos, sejam os membros do corpo editorial. Mas, como experiência formativa, a revista também precisa ser flexível, como a criatividade discente impõe, e buscar inovar nas seções, metodologias de editoração, discussão de ideias, formatação de dossiês.

Em seu número inicial, a *Horizontes Históricos* apresenta um repertório diversificado de temáticas e pesquisadores publicados.

Em “A Convulsão Política em São Tomé e Príncipe: qual o lugar de uma perspectiva africana?”, único artigo assinado por um professor, o historiador da Universidade de Lisboa, Augusto Nascimento, visita a situação política atual no arquipélago de São Tomé e Príncipe, analisando a evolução de sua trajetória e pela crise autoritária vivida nas ilhas. Seu polêmico ponto de chegada contesta a crença no progresso subjacente às meta-narrativas que embasaram os movimentos pela independência na África.

Com o artigo “Comunidades Quilombolas: a formação das Comunidades Remanescentes Baixa da Lagoa, Baixa dos Quelés e Olho D’Água, do município de Jeremoabo (BA)”, Cauam Francisco Pires Silva Nascimento e Jôycimara Ferreira Barreto reconstituem a mobilização de comunidades de camponeses negros para seu reconhecimento como remanescentes apontando como sua memória indica o relacionamento ancestral com a terra e com o trabalho, além das relações com os grandes fazendeiros locais. O artigo mostra a importância da História para a conquista do direito à terra no presente e trata criticamente as divergentes memórias da comunidade sobre seu passado.

Na contribuição intitulada “O papel ordenador da música nos rituais de religião de matriz africana”, Eval Cruz analisa o papel incontornável da linguagem musical como estruturante nos rituais do candomblé. Nessa religião, o som é considerado um condutor de axé, enquanto os instrumentos de percussão são mediadores entre o ayê e o orum e, portanto, sagrados. O artigo apresenta uma sensível análise da música no terreiro da Irmandade Santa Bárbara Virgem, ou Nagô de Bilina, na cidade de Laranjeiras, em Sergipe.

Ives Leocelso Silva Costa, no artigo “A Cruzada Albigense: uma análise historiográfica”, reconstitui as crenças cátaras, consideradas heréticas no século XVIII, o contexto político do Languedoc, e as consequências da série de expedições militares contra os cátaros sobre a região. Em um artigo elegante e bem informado, o autor apresenta uma boa visão geral do conflito e discute os usos do passado pela historiografia.

Em “Um Crime Contra a Honra: Análise em um Processo de Defloramento na capital sergipana (1920)”, Jôycimara Ferreira Barreto realiza uma boa introdução aos processos de defloramento a partir de um estudo de caso em que se apresenta esse tipo documental. O artigo mostra as potencialidades do uso desta fonte pela historiografia.

Raphael Vladmir Costa Reis, no trabalho “As Marchas da Família em Sergipe (1964): considerações sobre a relação de cumplicidade entre a Igreja Católica e o Estado Autoritário”, aponta como uma parte da Igreja Católica apoiou o Golpe Civil-Militar de 1964 e serviu de sustentação para o regime discricionário em seus primeiros anos. O artigo é o resultado de uma pesquisa original sobre a organização civil-eclesiástica do Golpe em Sergipe, abordando pela primeira vez a organização das Marchas da Família em Sergipe.

O conjunto variado de artigos reunidos nesse primeiro número da revista mostra alguns dos desafios da edição de um periódico acadêmico dedicado às publicações discentes. A consistência dos trabalhos aqui apresentados é desigual e corresponde à pesquisas em diferentes estágios de amadurecimento. Essa situação, que nos parece será a mais comum a ser enfrentada pela equipe editorial em cada novo número da publicação, exige um filtro notavelmente sensível para selecionar contribuições que atendam aos requisitos mínimos da produção historiográfica, mas aberto o suficiente para abranger a produção de historiadores em formação. Outrossim, essa responsabilidade também recai sobre os pareceristas, que não devem se furtar ao rigor na análise dos textos, nem na proposição de sugestões para sua melhoria, tendo em vista que a publicação de um artigo é uma atividade formativa do discente.

Este primeiro número da revista discente Horizontes Históricos atende a um antigo projeto da coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da UFS (PROHIS) que visava, na mesma ação, abrir um sítio de divulgação dos trabalhos e criar uma atividade de formação dos nossos alunos.

Enquanto matéria, sabemos que a História é o próprio resultado da passagem do tempo e, portanto, não pára. Mas, como campo do saber, a História só caminha sob o sacrifício de

sangue novo, dotado de novas ideias e boa vontade. Esta primeira edição da Revista Horizontes Históricos é o resultado do esforço e investimento de um conjunto jovem e competente de pós-graduandas carregadas de iniciativa. À equipe editorial, nosso agradecimento por essa publicação.

Referências Bibliográficas

BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*. Brasília (DF), v. 13, n. 30, pp.13-40, jan./abr. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.947>

BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Editora 70, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Usos sociais da ciência*. São Paulo: Ed.Unesp, 2003.

FICO, Carlos et ali. Considerações sobre Qualis Periódicos – História. Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal, Brasília (DF). Publicado na WEB em 14/12/2016. Disponível em

http://capes.gov.br/images/documentos/Qualis_periodicos_2016/Consideracoes_Qualis_Periodicos_Area_40__2016_08_08_HIST%C3%93RIA.pdf

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. In CAMPELLO, Bernadete Santos e outros (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

STUMPF, Ida Regina Chitto. *Revistas Universitárias: projetos inacabados*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 1994.